



Abiquim leva importantes pautas do setor industrial químico ao Governo Federal

Abiquim se reúne com alto escalão do governo federal para tratar de agendas urgentes do setor

Representantes da Abiquim estão conduzindo uma série de reuniões estratégicas com o alto escalão do governo federal para discutir e avançar em agendas cruciais para o setor. No dia 23 de fevereiro, um encontro com o Ministro da Fazenda, Fernando Haddad, tratou do cenário produtivo, de políticas regulatórias e de possíveis medidas para conter o surto de importações no país que afetam o mercado doméstico.

No dia anterior, o compromisso foi com o Ministro do Trabalho e Emprego, Luiz Marinho. A Abiquim apresentou as contribuições que a indústria química tem feito ao país - como a geração de 2 milhões de empregos diretos e indiretos e a contribuição para 12% do PIB industrial -, reforçou o potencial de crescimento sustentável e expansão e alertou para a necessidade de políticas que impedem o avanço do setor.

Nos encontros, o presidente-executivo da Abiquim, André Passos Cordeiro, reforçou a posição do setor na cadeia produtiva brasileira. "A nossa indústria química ocupa a primeira colocação na lista de contribuintes de tributos federais, com R\$ 30 bilhões anuais, ou seja, 13,1% do total da indústria nacional. É a 6ª maior do mundo e a mais sustentável. Além disso, é líder em produtos renováveis, geradora de tecnologia de ponta e formadora de mão-de-obra qualificada", ressaltou.

A Abiquim tem proposto nas reuniões com autoridades do governo medidas tarifárias urgentes, como a inserção de produtos químicos na Lista de Elevações Transitórias à Tarifa Externa Comum, uma relação de itens que teriam seus impostos de entrada elevados temporariamente a fim de garantir a retomada da produção da indústria química brasileira, de assegurar empregos, aumentar a arrecadação do governo e de gerar novos investimentos. "Em 2023, houve um aumento anômalo de importações de 30,9%, vindas para o Brasil de forma predatória, com uma queda média de 28,6% dos preços nessas operações. O déficit tem tornado os negócios insustentáveis, hoje operando com apenas 65% de sua capacidade total", explicou André Passos.

O Ministro Fernando Haddad disse que irá ampliar o diálogo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) para uma solução. No dia 19

de fevereiro, o presidente da Abiquim esteve com a Secretária de Comércio Exterior do MDIC, Tatiana Lacerda Prazeres, para tratar do mesmo tema e apresentou o pleito de medidas emergenciais e a implementação de 77 itens na lista transitória.

Outra abordagem na reunião com Haddad esteve relacionada ao Processo Produtivo Básico (PPB) de Manaus. Por meio desse programa, há uma contrapartida do Governo Federal à concessão de incentivos fiscais a empresas. Mas, para isso, deve haver um conjunto mínimo de operações, no estabelecimento fabril, que caracteriza a efetiva industrialização de determinado produto.

De acordo com a Abiquim, atualmente há uma desova no país de produtos importados, principalmente resina, que não passam por processos industriais, conforme exige o PPB, recebendo incentivos indevidamente e prejudicando o mercado nacional. O Ministro da Fazenda disse que haverá empenho na busca por soluções para conter essa entrada de materiais que não abarcam agregação de valor ou industrialização.

Entre janeiro e outubro de 2023, o recolhimento da Receita Federal para o setor químico recuou 23% em comparação com o mesmo período do ano anterior, o que corresponde a R\$ 7 bilhões a menos em tributos federais. As fortes importações registradas no último ano, com déficit de US\$ 46,6 bilhões, foram provocadas pela prática de preços predatórios, principalmente de produtos com origem asiática. De acordo com a Abiquim, o comércio desleal só é possível porque as indústrias estrangeiras não possuem compromisso com a sustentabilidade. "Enquanto a química brasileira faz esforços para ajudar o meio ambiente, o Brasil aumenta importação de químicos estrangeiros que jogam mais gases prejudiciais no ar", comenta o presidente da entidade.

A química brasileira, segundo a Associação, é a mais sustentável do mundo e líder em produtos renováveis - sua produção é menos carbono hidro intensiva quando comparada com a produção na Europa (entre 5 e 35% menos) e o resto do mundo (entre 15 e 51% menos). Isto se deve ao fato de a matriz elétrica brasileira ser composta por 82,9% de fontes renováveis - no mundo, essa média é de 28,6% - e aos esforços históricos empreendidos pelo setor no Brasil.

Fonte: Abiquim

SIQUIRJ INFORMA

Nº 261

Fev/2024

Editorial

Futuro do Setor Industrial Químico

O que o setor industrial químico tem observado nas últimas semanas é uma movimentação, bastante necessária, na direção da reestruturação do segmento, mas ainda assim é evidente que a «corda» está apertando cada vez mais forte ao redor do pescoço do setor, cenário este, evidenciado pelos dados crescentes de importação e de retração dos químicos - 10% de retração do segmento, apesar de um crescimento de 3% da economia.

Mais de uma vez ressaltamos que a Indústria Química não tem tempo suficiente para sobreviver a uma reestruturação estrutural de longo prazo, que apesar de importante, não pode ser única! A falta de competitividade e de um vislumbre de quaisquer alternativas, traz um futuro, no mínimo, preocupante. E se a própria sobrevivência e independência do setor industrial brasileiro não for suficiente para gerar ações emergenciais, que ao menos a queda de arrecadações (a casa de R\$ 8 bilhões de reais, em 2023, segundo a Abiquim), da indústria química (responsável por 10% do Produto Interno Bruto), sensibilize o Poder Público.

Na esfera estadual, a situação também preocupa. Além dos problemas de segurança pública, que afetam as próprias empresas e seus colaboradores, dentro ou fora das companhias; e da falta de infraestrutura, que prometem conectar regiões e estimular investimentos, mas ainda não saíram do papel; a indústria ainda é surpreendida por um aumento de ICMS no estado, que já praticava uma das maiores alíquotas do país para o referido tributo. Uma decisão repudiada veementemente pelo Siquirj e outras entidades, como a Firjan, afinal o Rio de Janeiro já perdeu muitas empresas para outros estados em uma terrível guerra fiscal praticada por anos. Esta, que deveria ser uma oportunidade de reindustrializar o Rio, pode estar sendo desperdiçada por reajustes que prejudicam profundamente aqueles que ainda acreditam em um futuro para o setor no RJ.

Brasil bate recorde na produção de eletricidade a partir de fontes renováveis

Sol, vento e água. A presença em abundância de recursos naturais coloca o Brasil em posição vantajosa na produção de energia elétrica renovável. De acordo com levantamento feito pela Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), de toda a energia produzida em 2023 no país, 93,1% foi proveniente desse tipo de fonte, um recorde histórico.

O índice de emissão de carbono também foi menor. Em 2023, o Brasil atingiu a menor taxa dos últimos 11 anos, de acordo com o Sistema Interligado Nacional (SIN). A produção foi de 38,5 kg de dióxido de carbono, o CO₂, por megawatt/hora (MWh) gerado.

Para a Confederação Nacional da Indústria (CNI), o uso de energia renovável está entre as vantagens estratégicas para a indústria brasileira. Matrizes renováveis apresentam menor impacto ambiental e também são mais econômicas, refletindo no preço final da produção. Uma matriz diversificada também é um diferencial, como destaca Roberto Muniz, diretor de Relações Institucionais da CNI.

“O Brasil se encontra na vanguarda da transição energética, com elevada participação de fontes renováveis na matriz energética, e segue em uma trajetória sustentável, ampliando e diversificando, cada vez mais, o uso dessas fontes renováveis”, afirma.

Parques eólicos, fazendas solares, hidrelétricas e usinas que usam a cana-de-açúcar como biomassa produziram, juntos, 70.206 MWmed de energia em 2023, segundo

o levantamento da CCEE. Já fontes não-renováveis, como termelétricas fósseis que utilizam gás natural, carvão mineral e óleo diesel, atingiram 4.844,2 MWmed.

As hidrelétricas seguem liderando o ranking de maiores produtoras de energia no Brasil. Em 2023, elas geraram quase 50 mil megawatts médios, responsáveis por 70% de toda a energia elétrica produzida no país.

Já as energias eólica e solar, juntas, produziram mais de 13 mil MWmed, montante 23,8% maior na comparação anual. O avanço está relacionado à entrada de novas usinas no Sistema Interligado Nacional que elevaram a capacidade instalada dessas duas fontes para mais de 42,6 mil MW.

“É importante destacar o crescimento acelerado das fazendas solares e da energia eólica. A capacidade instalada dessas fontes já supera a potência equivalente a três usinas de Itaipu”, analisa o presidente da CCEE, Alexandre Ramos.

A energia elétrica é a principal fonte de energia para 78% das indústrias brasileiras, seguida por óleo diesel (4%), gás natural (4%), lenha (3%) e bagaço de cana (2%). É o que aponta o estudo Sondagem Especial da CNI.

O mercado livre de energia, tipo de comércio em que o consumidor personaliza o contrato com a empresa fornecedora e pode escolher, por exemplo, o tipo de fonte geradora, é uma proposta que promete impulsionar ainda mais o setor elétrico sustentável em 2024.

A migração para o mercado livre de energia economiza, em média, de 15% a 20% na conta de luz, segundo o levantamento da CNI. Uma das propostas previstas para este ano é a abertura desta modalidade para

clientes identificados como Grupo A, segundo a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel).

Estão agrupadas nesta categoria grandes indústrias e estabelecimentos comerciais de grande porte que consomem tensão igual ou superior a 2,3 kV ou utilizam sistemas subterrâneos de distribuição de energia menor que 2,3 KV.

“Nos próximos anos, a abertura do mercado livre de energia para toda a alta tensão deve impulsionar ainda mais a demanda por energias renováveis. O consumidor final e as indústrias de alta tensão poderão escolher de quais fontes querem comprar o seu fornecimento de energia elétrica e, certamente, muitos vão optar por fontes renováveis que, além do cuidado com o meio ambiente, possibilitam a busca por preços ainda mais competitivos”, ressalta Alexandre Ramos.

Fonte: Agência de Notícias CNI



Basf amplia cortes de custos em 1 bilhão de euros à medida que a demanda por produtos químicos cai

A Basf anunciou um corte de 1 bilhão de euros em sua sede em Ludwigshafen, intensificando um enxugamento de suas operações na Alemanha.

A maior fabricante de produtos químicos do mundo disse que os novos cortes anuais de terão como alvos as áreas de produção e não-produção, elevando o total das economias anuais previstas para 2,1 bilhões de euros até 2026, incluindo reduções anunciadas depois que a invasão da Ucrânia pela Rússia fez os preços do gás dispararem.

O presidente-executivo Martin Brudermüller disse na sexta-feira, 23, que os lucros da unidade de Ludwigshafen da Basf continuaram caindo no ano passado, revelando a “necessidade urgente de mais ações decisivas aqui”.

No ano passado, a Alemanha foi a grande economia com pior desempenho no mundo, com sua grande base industrial sofrendo não só com as altas taxas de juros e a inflação, mas também com os preços elevados da energia.

A indústria química, que se encontra no início de um grande número de cadeias de abastecimento, é vista como um indicador da produção industrial, aumentando a preocupação entre os políticos e executivos alemães com a desindustrialização.

A Basf anunciou uma queda de 21% nas vendas, para 68,9 bilhões de euros, e de 29% no lucro antes dos impostos, juros, depreciação e amortização (Lajida), para 7,7 bilhões de euros.

Mas a Basf disse que uma recuperação da atividade industrial na China deverá elevar os lucros no atual exercício para até 8,6 bilhões de euros. As ações da

companhia permaneceram praticamente estáveis na manhã desta sexta-feira.

A Basf curvou-se aos apelos dos políticos — muitos dos quais estão preocupados com a dependência que a indústria alemã tem da China — para “reduzir o risco”, investindo menos no país.

Ao mesmo tempo em que está cortando os custos em casa, a companhia está construindo uma unidade petroquímica de 10 bilhões de euros em Guangdong, o maior investimento externo já feito por ela. A Basf disse que gastará 6,5 bilhões de euros em despesas com propriedades e relacionadas a fábricas no ano que vem, com a maioria indo para a nova unidade chinesa.

A companhia anunciou este mês que venderá duas de suas *joint ventures* em Xinjiang, uma região onde o governo chinês foi acusado de graves violações dos direitos humanos, depois que relatos de que a parceira chinesa na joint venture participaram da vigilância sobre a população local autorizada pelo Estado.

O incidente demonstra a crescente dificuldade enfrentada por multinacionais que pretendem transpor as visões de mundo divergentes de Pequim e Washington, que já resultaram em restrições duras às importações visando as cadeias de abastecimento de Xinjiang.

Brudermüller, disse que a Basf quer transformar sua unidade de Ludwigshafen em “líder na produção de produtos químicos com baixa emissão de CO₂ e alta lucratividade”, e para isto é preciso cortar os custos.

Ele acrescentou: “Ao mesmo tempo, estamos avançando sistematicamente nossos negócios nas regiões do mundo que estão crescendo com mais dinamismo e oferecem condições de investimentos atraentes”.

Fonte: Valor Econômico

Siquirj

Sindicato da Indústria de Produtos Químicos para Fins Industriais do Estado do Rio de Janeiro

Filiado à FIRJAN

Av. Calógeras, n° 15 - 12° andar
Centro - Rio de Janeiro - RJ
CEP 20030-070
Tel.: (21) 2220-8424
E-mail: siquirj@siquirj.com.br
Home page: www.siquirj.com.br

Diretoria - 2020/2024

Diretoria

Isaac Plachta (Presidente)
Carlos Roberto da Silva (Vice-presidente)
Nicolau Pires Lages (Secretário)
Paul Antoine Maron Gédéon (Tesoureiro)

Suplentes

Wagner Luiz Rodrigues de Sá
Roberto Pinho Dias Garcia

Conselho Fiscal

Efetivos

Ciro Alves
Angelo José Brazil Ferreira
Alexandre Fagundes de Mattos

Suplentes

Larissa Arias
Jorge Luiz Cruz Monteiro
Mauro da Silva Fonseca Júnior

Delegados Representantes junto à Firjan

Efetivos

Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira
Carlos Mariani Bittencourt

Suplentes

Isaac Plachta
Roberto Pinho Dias Garcia